

AQUISIÇÃO DA ESCRITA: UM ESTUDO LONGITUDINAL COM CRIANÇAS DE 1ª A 4ª SÉRIE

ROGERIA APARECIDA CRUZ GUTTIER (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS).

Resumo

Recorte da pesquisa "Aquisição da escrita e letramento: A linguagem e suas representações nas relações de pertencimento à escola" (CNPq Nº 480865/2004–3). No trabalho apresentamos resultados sobre a aquisição da escrita de um grupo de crianças que ingressou na escola no ano de 2005 e concluiu a 4ª série em dezembro de 2008. O foco de nosso olhar esteve voltado para a compatibilidade entre o nível de aquisição e a aprovação nas séries iniciais do Ensino Fundamental, ou seja, buscamos estabelecer relações entre o processo de aquisição da escrita e a aprovação/reprovação de 130 crianças de seis a quatorze anos que frequentaram a 1ª série em 2005, a 2ª em 2006, a 3ª em 2007 e a 4ª 2008. Empreendida em uma escola da rede estadual da periferia urbana de Pelotas/RS, a investigação está inserida no campo da análise qualitativa (LÜDKE E ANDRÉ, 1986) embora possua um banco de informações que permite diversas análises quantitativas. Como procedimento inicial traçamos o perfil das crianças a partir das informações contidas nos Registros de Matrículas e nas Fichas de Entrevistas de Matrícula. Logo depois, realizamos testes (três anuais) de aquisição da escrita (FERREIRO e TEBEROSKY, 1995) e, ao mesmo tempo, observamos a metodologia de alfabetização que as professoras empregavam. Por fim, agregamos à análise os resultados alcançados pelas crianças publicados nas Atas dos Resultados Finais. Os resultados indicaram alto grau de reprovação escolar na primeira série, aprovação compatível com os níveis de aquisição além de incompatibilidade entre metodologias de ensino e processo de aquisição da escrita. Conhecer esses dados e disponibilizá-los para a escola contribuiu para que essa se articulasse na busca de mudanças estruturais, novas concepções metodológicas e pedagógicas nas práticas da alfabetização, agora com ênfase no letramento.

Palavras-chave:

alfabetização, letramento, formação docente.

Introdução

ROSA, Cristina[1]

GUTTIER, Rogéria[2]

A linguagem é um artefato cultural que, ao ser apreendida, organiza-se um processo individual mediado (VIGOTSKY, 2003). Para Piaget a relação entre o sujeito e objeto de conhecimento é uma "assimilação" e, para a Psicogênese da Língua Escrita a relação sujeito-objeto - no caso a linguagem - é explícita e se manifesta através das hipóteses formuladas pelo aprendiz. Para a virada paradigmática que deslocou o olhar do "método de ensinar" para o "processo de aprender" os estudos de Ferreiro e Teberosky (1995) foram preponderantes e podem ser considerados o maior avanço produzido no século 20 na história da alfabetização.

Metodologia da Pesquisa

Inserida no campo da análise qualitativa (LÜDKE E ANDRÉ, 1986) e com presença quantitativa, a pesquisa teve início a partir do desejo de minimizar as reprovações em primeiras séries em uma escola da rede estadual da periferia urbana de Pelotas, RS. Como fontes de pesquisa utilizamos alguns dos dados contidos nos Registros de Matrículas, nas Fichas de Entrevistas de Matrícula e nas Atas dos Resultados Finais. Realizamos também Testes de Aquisição da Escrita e observações em sala de aula, além de conversas informais com as professoras e crianças.

A população informante inicial foi de 130 crianças (Coorte 2005) matriculadas em cinco primeiras séries do Ensino Fundamental com idades entre seis e 14 anos e 10 meses. Ao final de 2005, 120 continuavam freqüentando as primeiras séries; as demais haviam sido transferidos para outras escolas. O perfil dos ingressantes foi traçado a partir das informações contidas nos Registros de Matrículas e nas Fichas de Entrevistas de Matrícula.

O passo seguinte foi realizar Testes de Aquisição da Escrita, de acordo com os estudos de Ferreira e Teberosky (1995) e, ao mesmo tempo, observar a metodologia de alfabetização que as professoras empregavam. Por fim, agregamos à análise os resultados alcançados pelas crianças publicados nas Atas dos Resultados Finais. A prioridade foi observar se os dados de aquisição da escrita eram compatíveis com os resultados alcançados pelas crianças e se os métodos empregados pelas professoras interferiam na aquisição da escrita das crianças.

Resultados: O que informaram os Registros de Matrícula?

Observando os Registros de Matrícula foi possível traçar um perfil das crianças que freqüentaram as primeiras séries quanto à idade de ingresso e reprovações anteriores bem como conhecer parcialmente as condições sócio-econômicas de suas famílias. Assim, nos deparamos com a evidência de que apenas 64 das 130 crianças estavam pela primeira vez freqüentando a 1ª série (não apresentavam defasagem idade/série). Entre o grupo de crianças com oito anos ou mais (50,76%) havia defasagem leve, indicando que podiam ter ingressado tardiamente na primeira série, mas, também, defasagem acentuada, representando reprovações consecutivas em pelo menos 14 casos, o que pode ser visualizado no **Quadro 1 (Anexo 1)**. O **anexo 2** contém a Apresentação do Trabalho.

Embora a idade recomendada para ingresso na 1ª série fosse de seis anos e nove meses completos em diante, percebemos certa condescendência da escola ao antecipar a presença de algumas crianças, caso da nascida em 1999 (que só completaria sete anos em 2006) e das crianças que completariam sete anos durante o ano de 2005 a partir de abril (que não tinham seis anos e nove meses em diante na época da matrícula).

A retenção - reprovação seguida de reprovação - é descrita por Ferraro (2002, 1991; 1999) como parte do fenômeno da produção do analfabetismo na escola e pode ser observado na defasagem idade/série, na manutenção da criança a primeira série e no recomeço, a cada ano, do processo de alfabetização, do zero[3]. No grupo observado por nós em 2005, havia 66 crianças nessa situação: 51 com defasagem idade/série leve (um ano), 11 com defasagem de dois anos e três com defasagens mais significativas (3, 4 e 7 anos). O nascido em 1990 (repetia a 1ª série pela oitava vez e completou 15 anos em 2005) indica, também, uma concessão da escola, uma vez que com 14 anos a Secretaria Estadual de Educação recomenda a transferência do adolescente à EJA - Educação de Jovens e Adultos.

O que informaram as Fichas de Entrevistas?

A ficha de entrevista com os pais foi criada pela escola para agregar informações ao documento oficial de matrícula. As informações ali contidas - a partir de aproximadamente 40 questões - passaram a fazer parte do momento da matrícula desde a aprovação do Projeto Político Pedagógico no ano de 2000. No grupo de crianças estudado a maioria dos pais e mães tem escolaridade que varia entre a 3ª e a 5ª séries e as profissões declaradas foram charreteiro, pedreiro, mecânico, confeitoiro e serviços gerais, entre os homens. Donas de casa ou domésticas, a maioria das mulheres. Ao realizar a entrevista na escola, grande parte dos familiares declarou que tem o hábito de ler para as crianças e que possuía livros didáticos, livros infantis e revistas em casa, além de orientar nas tarefas escolares. Em nenhuma das fichas de entrevista o pai foi citado como leitor para as crianças.

O que informam os testes de aquisição da escrita?

Planejados para oferecer um parâmetro entre processo de aquisição e desempenho ao final da primeira série, através de coleta das escritas infantis foi possível evidenciar quais as concepções de escrita das crianças no início, meados e no final do ano escolar. Optamos por apresentá-los em categorias amplas, encontradas na obra de Ferreiro e Teberosky (1995). **(Quadro 2 - Anexo 1)**

O que informam os dados por série?

Os dados coletados no último teste (novembro de 2005) agregados às Atas dos Resultados finais indicaram que apenas em uma série (1ª A) a escrita alfabética encontrada em novembro manteve-se como condição de aprovação. Nas demais, houve mudanças significativas. A situação das crianças com relação à turma que freqüentaram, à escrita e à situação de aprovação pode ser observada no **Quadro 3 (Anexo 1)**.

Como houve um espaço de tempo considerável entre a última testagem (novembro) e as avaliações finais (meados de dezembro), atribuímos a esse tempo a aprovação alcançada pelas crianças que apresentaram escritas pré-silábicas, silábicas e silábico-alfabéticas na última coleta. A mudança mais intensa foi a vivida por crianças que freqüentaram a 1ª série D: em novembro, sete crianças não tinham condições de aprovação pois quatro escreviam de forma pré-silábica, duas de forma silábica e uma silábico-alfabética. Um mês depois, apenas uma dessas não foi aprovada.

O que informam as Atas dos Resultados Finais?

Através dos dados ali contidos produzimos um fechamento do primeiro ano de pesquisa e elaboramos algumas conclusões parciais que incluem os percentuais de reprovação.

Com altos graus de reprovação escolar (em média 25,38%) as informações contidas na Atas confirmaram o que os testes de aquisição já haviam anunciado: crianças com pouca complexidade na compreensão da escrita não foram promovidas à segunda série. O caso que destoia e que gerou uma entrevista com a professora é o mesmo descrito anteriormente, o da 1ª série D. Embora apresentasse em novembro sete crianças na condição anterior à escrita alfabética, apenas um desses não foi aprovado, apresentando um percentual de aprovação bem superior (95,7%) ao das demais (em média 69,27%). Para a professora, a condição especial de ingresso de seus alunos (oriundos de famílias mais abastadas e/ou filhos de professoras e quase todos sem nenhuma reprovação anterior) é que gerou a aprovação em massa. Ser portadora de necessidades educativas especiais é que ocasionou a reprovação de uma criança, segundo a professora.

O que revelam as observações nas salas de aula?

Com o objetivo de conhecer a metodologia de alfabetização utilizada pelas professoras, as observações em sala de aula foram eventuais em 2005 e instrumento de pesquisa em 2006[4]. No grupo observado, apenas uma das três professoras[5] conhecia a teoria de Ferreiro e Teberosky (1999). A professora **A** conhecia e empregava os princípios de Ferreiro e Teberosky (1995) e durante o primeiro ano da pesquisa se utilizou dos resultados dos testes de aquisição da escrita para reorganizar suas estratégias em sala de aula. Apesar de ter um índice de reprovação similar ao das outras professoras, alcançou o maior grupo de crianças com uma escrita ortográfica ao final da primeira série, algumas delas produzindo textos. Afirmou que a reprovação pode ser atribuída a um "conjunto de fatores" pois "não existe um culpado".

A Professora **B** indicou como método de alfabetização empregado o "silábico com palavra geradora". Para ela, o fator econômico e social é a maior causa de reprovação, pois as crianças, em suas palavras, "são cheias de problemas e de carências afetivas". Para a professora a desestruturação das famílias, representada por familiares que são ausentes na escola e não assinam os bilhetes enviados são causas da reprovação. Segundo ela, as crianças refletem uma vida repleta de dificuldades como "pais saindo para trabalhar e que nem olham os cadernos". Atribui à fome, em alguns casos, a reprovação, pois, segundo ela, "as crianças perguntam muito qual o horário da merenda". Além desses motivos a professora considera que "alguns tem comprometimento neurológico, como o caso do menino que deveria passar pela psicóloga, tanto ele como a família, pois ter um acompanhamento no individual não surte efeito" (Professora B, setembro de 2006).

No caso da Professora **C** a não aprendizagem pode ocorrer por vários fatores, pois "cada criança tem seu tempo de assimilar os conhecimentos, cada um pode construir seu conhecimento de forma diferenciada do outro, cada criança tem seu tempo de maturação". Além disso, considera que a família "tem papel fundamental, como agente estimulador no processo de construção do conhecimento" e que "(...) a idade cronológica da criança e a idade mental podem não corresponder", ocasionando reprovação.

Como foi possível observar, havia na escola uma liberdade em adotar esse ou aquele método de ensino, e as professoras indicaram pouco conhecimento das causas da reprovação escolar atualmente aceitas, como por exemplo, as experiências anteriores com a leitura e a escrita, os métodos empregados, os significados dos impressos para a criança, as reprovações anteriores, a complexidade de hipóteses sobre a escrita, o universo cultural das crianças, entre outros.

Com índices de reprovação similares com exceção de apenas uma turma[6], uma das explicações mais utilizadas - os métodos de ensino - não foi suficiente para "explicar" por que as crianças não foram promovidas à 2ª série.

No **Quadro 4 (Anexo 1)** é possível observar a qualidade das escritas infantis durante a última coleta. A diferença dos dados anteriormente divulgados são todas as formas grafadas pelas crianças, desde o desenho até a escrita ortográfica.

Observando os dados pode-se ressaltar o resultado alcançado por uma das turmas, a turma D, coincidentemente a da professora que tinha a maior formação docente, conhecia a teoria de Ferreiro e Teberosky (1995) e declarou investir muito de seu tempo à produção escrita. São doze (46% do total) as crianças dessa professora

que já em novembro escreveram sem nenhum erro em contraposição aos 4, 3, 2 e 2 das outras turmas.

No final de 2008, as atas revelaram que das 130 crianças da COORTE/2005 que permaneceram na escola, apenas **48** haviam ido para a 5ª série sem terem sido reprovadas, já que do total **44** haviam sido transferidas; **32** crianças continuariam na escola em 2009, entre elas, **11** na 4ª série; **8** na turma PAB; **8** na 3ª série; **5** no 3º ano EFNA; **4** em classes de aceleração em outra escola, e **2** crianças tiveram seus dados desconhecidos por nós. Neste ano a escola participou de um programa de aceleração, onde as crianças que estavam em defasagem idade/série tiveram a oportunidade de se adequar a série correspondente à sua idade, contudo, as condições de avanço dessas crianças merecem um estudo à parte. **(Quadro 5 - Anexo 1)**

Conclusões:

Diante da variedade e complexidade dos dados, algumas conclusões, parciais, foram elaboradas. A primeira delas é a de que há certa condescendência do sistema de ensino a respeito da idade para freqüentar a primeira série do Ensino Fundamental. No caso de crianças com idade inferior à recomendada, se for considerada um aprendiz pleno, nenhum problema. No entanto, se ele for tratado como alguém à espera da idade recomendada, pode marcar sua história com uma primeira reprovação e, portanto, não é o ideal. No caso de estudantes com acentuada defasagem idade/série, é importante considerar que é inadequada a presença, em um mesmo ambiente de aprendizagem, de adolescentes de 11 a 14 anos e crianças de seis e sete anos, para ambos os grupos, uma vez que gera baixa auto-estima e desestímulo entre os reprovados além de demandar do professor procedimentos e atitudes para as quais nem sempre está qualificado.

A maior evidência que os Registros de Matrícula oportunizam observar, no entanto, são as sucessivas reprovações, fenômeno conhecido como produção do analfabetismo na escola. Há, nas cinco primeiras séries observadas, uma grande quantidade de crianças nessa situação e os dados na continuidade da pesquisa nos permitem concluir que a situação não aparenta uma mudança substancial em curto prazo.

Outra das conclusões possíveis se refere às Fichas de Entrevistas, criadas para que a escola conheça alguns aspectos do universo sócio-cultural das crianças e planeje sua intervenção a partir de informações sobre a escrita e a leitura que as crianças possuem. Em nossas observações percebemos que entre as professoras investigadas apenas uma se utilizava parcialmente das informações ali contidas e todas, sem exceção, referiram-se às condições sócio-econômicas das famílias para explicar a reprovação escolar. Acreditamos que um olhar mais atento a esses dados contribuiria com o trabalho docente de forma mais substancial, uma vez que os professores poderiam saber se e o que conhecem da escrita seus alunos.

Uma das conclusões que advém dos Testes de Aquisição da Escrita é de que a maioria das crianças possui conhecimentos a respeito da escrita, o que pode ser observado na coleta realizada em março de 2005, quando em torno de 70% utilizaram letras para escrever e apenas 30% desenharam ou grafaram garatuñas. Acreditamos que os testes impõem às crianças a necessidade de refletir sobre a escrita e podem ser uma oportunidade de observar o que estão sendo capazes de representar, em alguns casos, pela primeira vez. Ao solicitarmos que escrevam "do jeito que imaginam que seja", elas têm a oportunidade de - espontaneamente - nos informar como pensam.

Outra conclusão possível é que a maioria avançou significativamente durante o ano escolar, embora em novembro ainda houvesse uma criança que utilizou o desenho e duas a garatuja para escrever. Apesar de ser um número ínfimo, é inacreditável que ao final de um ano escolar crianças não tenham dominado o conceito básico de que é com letras que se escreve.

A conclusão mais impressionante que os testes ofereceram foi a de que parte das crianças que ingressaram com pouca informação sobre a escrita (pré-silábicas) permanece assim por um longo tempo e algumas até concluíram o ano escolar pensando dessa forma (32 crianças concluíram o ano utilizando o desenho, a garatuja, alguns sinais gráficos, letras quaisquer e a escrita silábica). Dessas, 31 reprovaram.

Quanto às Atas dos Resultados Finais, para além do que já informam seus números (reprovação de 31 crianças em um universo de 130) há uma constatação a partir da relação entre o processo de aquisição da escrita e a aprovação/reprovação das crianças, ou seja, crianças com pouca complexidade na compreensão da escrita não foram promovidas à segunda série. Acreditamos que essas informações tornam o conhecimento da Teoria de Ferreiro e Teberosky (1995) preponderante para o trabalho em sala de aula, uma vez que o resultado mais significativo - no que se refere à aquisição da escrita - ocorre na sala de aula da professora que dispunha desse saber.

As observações realizadas nas salas de aula indicam que é frágil o conhecimento a respeito da história da alfabetização entre as professoras, prioritariamente entre as duas que atenderam o maior número de crianças (104 das 130 crianças), o que pôde ser evidenciado nas metodologias empregadas, no não uso dos resultados dos testes para intervir e nas explicações dadas às causas da reprovação.

Quanto às metodologias empregadas foi possível concluir que embora não apresentem diferenças cruciais na quantidade e no percentual de reprovações, produzem diferença na qualidade do alfabetizado. Enquanto que a maioria das crianças ingressou na segunda série apenas decifrando, as crianças da professora que conhecia a teoria de Ferreiro e Teberosky (1995) apresentaram não apenas uma escrita mais elaborada (Quadro 5): acompanhados na segunda série, percebeu-se que escreviam melhor, produziam textos mais qualificados e tinham maior desenvoltura com a leitura.

Conclusões mais significativas a respeito da condição de escrita e leitura daqueles que nunca reprovaram e, ao mesmo tempo, uma previsão do tempo faltante na escolarização dos demais, são algumas das possibilidades dos próximos estudos, assim como o acompanhamento da aquisição da escrita de todos os integrantes da Coorte/2005 que permanecem na escola.

Referências

ABAURRE, M. B. M. **O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito?** Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, São Paulo, Cortez, 1985.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1994.

CAGLIARI, L. C. **Como Alfabetizar: 20 Anos em Busca de Soluções**. Letras de Hoje (v.36, nº 3, Set. 2001). Porto Alegre: PUC, 2001.

BECKER, Fernando. Modelos Epistemológicos e Teorias Pedagógicas. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre: UFRGS, 1992

CAGLIARI, Luís Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo: Scipione, 1997

FERRARO, Alceu. **Analfabetismo e Níveis de Letramento no Brasil: O que dizem os Censos?** (Educação e Sociedade, Vol.23, nº 81). Campinas: SP, 2002.

FERRARO, Alceu. **Analfabetismo no Rio Grande do Sul: sua produção e distribuição**. (Educação e Realidade, Vol.16, nº 1, jan./jun. 1991). Porto Alegre: UFRGS, 1991.

FERRARO, A. Oliveira, A. e Ribeiro, M. O "paradigma" da exclusão: discussão conceptual e pesquisa em educação". **Cadernos de Educação**, UFPel/FaE, ano 8, nº. 13, ago./dez.1999. Pelotas: UFPel,1999.

FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **A Psicogênese da Língua Escrita**. ArtMed. Porto Alegre, 1995.

FRANCO, Sérgio Roberto Kieling. **O Construtivismo e a Educação**. Porto Alegre, Mediação, 1998.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 1991.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli. **Metodologia da Pesquisa**. São Paulo: Papyrus, 1986.

MORTATTI, Maria do R. L. **Os Sentidos da Alfabetização**. São Paulo: UNESP: CONPED, 2000.

PIAGET, Jean. **Biologia e Conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1973.

ROSA, Cristina e LEIVAS, Kátia. A aquisição da escrita em crianças reprovadas na 1ª série do ensino fundamental. **Anais do ENAL**. Porto Alegre: PUCRS, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade**.

SMOLKA, Ana Luiza. **A criança na fase inicial da escrita**, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOARES, Magda. **Linguagem e Escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1988.

TEBEROSKY, A; COLOMER, T. **Aprender a Ler e Escrever - Uma Proposta Construtivista**. Artmed, Porto Alegre, 2003.

VIGOTSKY, Levi. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Documentos:

ATAS DOS RESULTADOS FINAIS. Documento elaborado pela 5ª CRE, orientado pela Secretaria de Educação do Estado do RS. Pelotas: 5ª CRE, 2000.

FICHAS DE ENTREVISTAS. Documento criado pela Escola para agregar informações ao documento oficial de matrícula. Pelotas: Projeto Político Pedagógico da EEEF, 2000.

PROJETO DE PESQUISA. Aquisição da Escrita e Letramento: a linguagem e suas representações nas relações de pertencimento à escola. Pelotas, UFPel: COCEPE 7.08.07.041/CNPq 480865/2004-3. 2004.

PROJETO DE PESQUISA. As relações entre leitura, escrita e letramento na formação do professor. Pelotas, UFPel: FAPERGS 06505466, 2006.

REGISTROS DE MATRÍCULA. Documento elaborado pela 5ª CRE, orientado pela Secretaria de Educação do Estado do RS. Pelotas: 5ª CRE, 2000.

TESTES DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA. Documentos de Pesquisa. Pelotas, UFPel: COCEPE 7.08.07.041/CNPq 480865/2004-3. 2004 e Pelotas, UFPel: FAPERGS 06505466, 2006.

[1] Doutora em Educação, professora na FaE/UFPel, coordena a pesquisa intitulada "Aquisição da Escrita e Letramento: a linguagem e suas representações nas relações de pertencimento à escola" (CNPq 480865/2004-3. file:///E:/CRISTINA%20ROSA/RESUMO%20CIC/cris@ufpel.edu.br

[2] Especializanda em Educação/UFPel, área de concentração Alfabetização e Letramento. FAPERGS 06505466- PIC 2006/2007. ro.guttier@hotmail.com

[3] Iniciar o processo como se as crianças não tivessem nenhum passado - de conhecimento e de presença na primeira série, é um dos fatores que promovem a nova reprovação. O reinício do zero informa à criança que há um único processo de aprendizagem, ordenado, e que as informações que ela dispõe não interessam à aprendizagem, entre outros aspectos, fenômeno muito estudado na bibliografia (ABAURRE, 1985; CAGLIARI, 1991; FERREIRO, 2002; LEMLE, 1991; SMOLKA, 2003; SOARES, 2002; TEBEROSKY & COLMER, 2003).

[4] Na pesquisa empreendida por Rosa e Leivas (2006) o objetivo foi descrever e analisar o processo de aquisição da escrita de crianças reprovadas pertencentes a Coorte 2005. Para tal, além de testes de aquisição houve observações em sala de aula, entrevistas com as professoras e conversas informais com famílias e crianças.

[5] Embora existissem cinco primeiras séries, apenas três professoras atuaram com elas, duas delas em dois turnos.

[6] Caso já analisado anteriormente e que se refere à 1ª série D na qual dos 25 matriculados apenas um reprovou. A professora afirmou que utilizou o mesmo método nas duas turmas com as quais trabalhou, obtendo na outra, o maior índice de reprovação entre as primeiras séries (36%).

Quadro 1 – Defasagem Idade/Série

Nascimento	Crianças	Idade em 2005	Defasagem Idade/Série
1990	1	14	7 anos
1993	1	11	4 anos
1994	1	10	3 anos
1996	11	09	2 anos
1997	51	08	1 ano
1998	63	07	–
1999	01	06	–

Quadro 2 – Níveis de Aquisição da Escrita

Níveis	Março	Junho	Novembro
Pré-silábico	104	92	25
Silábico	13	10	07
Silábico-Alfabético	05	13	10
Alfabético	08	15	56
Ortográfico	–	–	23
Crianças	130	130	120

Quadro 3 – Escrita em 11/2005 e Aprovação em 12/2005

Escrita	1ª A	1ª B	1ª C	1ª D	1ª E	Total
Pré-Silábico	06	04	05	04	06	25
Silábico	01	01	01	02	02	07
Silábico-Alfabético	02	02	03	01	02	10
Alfabético	12	14	12	14	04	56
Ortográfico	04	03	02	02	12	23
Aprovados	16	18	15	22	19	90

Quadro 4 – Escrita em 11/2005

Escrita	1ª A	1ª B	1ª C	1ª D	1ª E
Desenho	–	–	01	–	–
Garatuja	01	–	–	01	–
Sinais Gráficos	–	–	–	02	02
Letras quaisquer	05	03	05	01	04
Silábico	01	01	01	02	02
Silábico-Alfabético	02	02	03	01	02
Alfabético	12	14	12	14	04
Ortográfico	04	03	02	02	12

Quadro 5 – Resultados dos alunos da Coorte que permanecem na escola

COORTE/2005	SITUAÇÃO/2008	%
5ª série	48	57,1
4ª série	11	13,1
3ª série	08	9,5
3º ano	05	6,0
PAB	12	14,3
Continuam na escola	84	100
Transferidos	44	33,8
Evadidos	02	1,5
Total da Coorte	130	100



AQUISIÇÃO DA ESCRITA: UM ESTUDO LONGITUDINAL COM CRIANÇAS DE 1ª A 4ª SÉRIE

DIA 23/07/2009 - Quinta-Feira
COMUNICAÇÕES
LETRAMENTO E
ALFABETIZAÇÃO 32
SALA ED 05 14:15 H.

Orientação: Profª Drª Cristina Maria Rosa
Rogéria Guttier - ro.guttier@hotmail.com

HISTÓRICO

- Recorte da pesquisa

“Aquisição da escrita e letramento: A linguagem e suas representações nas relações de pertencimento à escola”

(CNPq Nº 480865/2004-3).

Objetivo Central:

Descrever e analisar os passos psicogenéticos percorridos por cinco turmas de primeira série do Ensino Fundamental em uma Escola pública da periferia urbana de Pelotas e acompanhar esses alunos até que concluem esse ciclo;

Acompanhar os alunos repetentes até que concluem seu processo de alfabetização ou concluem as séries iniciais;

- **O foco de nosso olhar esteve voltado para a compatibilidade entre o nível de aquisição e a aprovação nas séries iniciais do Ensino Fundamental, ou seja, buscamos estabelecer relações entre o processo de aquisição da escrita e a aprovação/reprovação de 130 crianças de seis a quatorze anos que frequentaram a 1ª série em 2005, a 2ª em 2006, a 3ª em 2007 e a 4ª 2008.**

Metodologia:

- **Análise quantitativa e qualitativa (Minayo, 2000);**

Procedimentos:

- **Coletas anuais (testagens e produção de textos)**
- **Análise e Categorização (Ferreiro, 2005)**

Fontes:

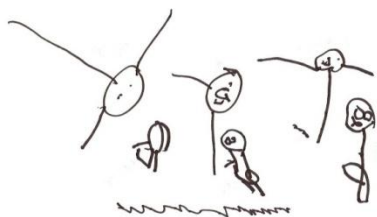
Atas de Matrícula;

Testagens Psicogenéticas (março, junho e novembro)

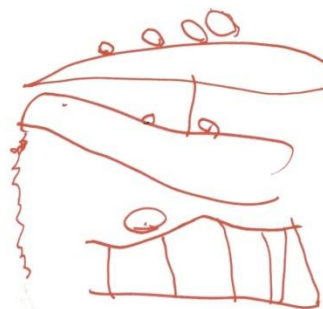
Atas dos Resultados Finais (aprovação e reprovação);

Referencial

- **Aquisição da Escrita (FERREIRO, 1999)**
apresenta como Níveis de Aquisição: Pré-silábico, Silábico; Silábico-alfabético; Alfabético; Ortográfico.
- **Aquisição da narrativa (CAGLIARI, BAGNO, 1999; SOARES, 2002, p.78)**
- **Sucesso Escolar (BERNARD LAHIR – 2001)**
- **Linguagem e escola – (SOARES, 2002)**



LUAN
E O
O U A R C



Mauve

lei
gato
Culo → Carlo.
lefant → elefante
o gato e hof
Lo lewdo

RAFAEL

d MEU PÉ DOÍ

PÉ

PERNA

CABEÇA



PATRICIA GARDEN

TARICP → Pe



Barigo

PTRMIOICMT

Bocp

AIMT

ALex Sometro

Bol gato carolo

Bolsita
Bettio



E H

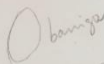
Henrique
Banos
R

Ediléia
19/05/2006

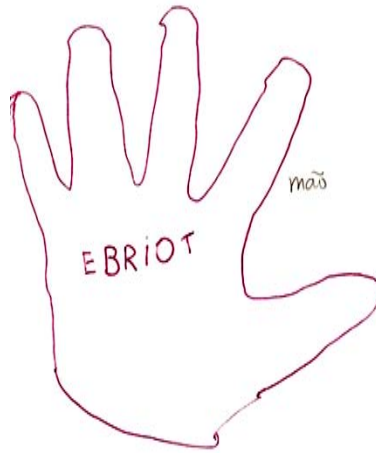


O pé doí

prego no pé



elefante



mão

EBRIOT

TEBA - Bova

BIETR - cabelo

FABIOLAR

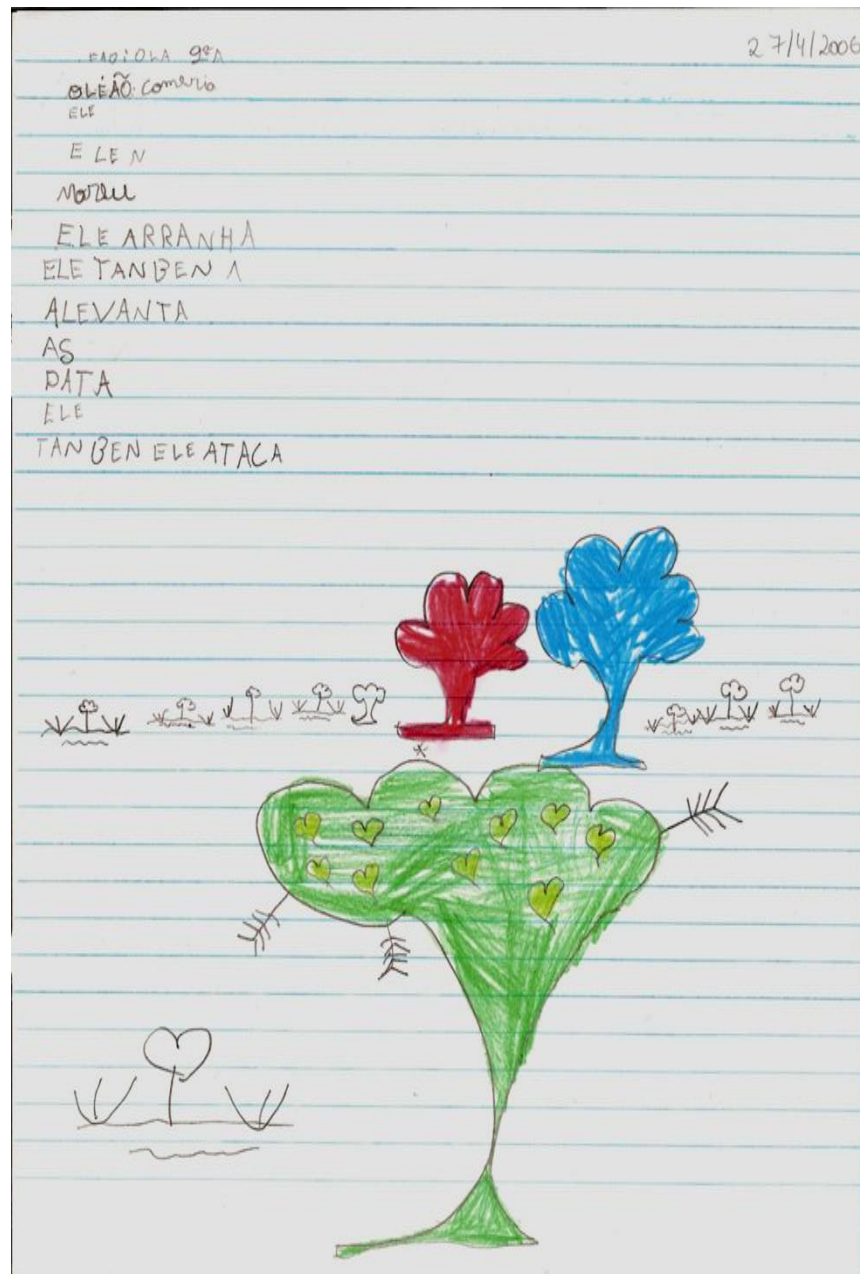
06/04/2005

FABIOLAR 7

laci
nao
com
elefante
Olá este trabalho

22/11/2005

FABÍOLA 2ª A
[27/04/2006]
o LEÃO comeria
ELE
ELE N
Moreu
ELE ARRANHA
ELE TANBEN
ALEVANTA
AS
PATA
ELE
TANBEN ELE
ATACA



TIPOS DE ESCRITA EM 2006

Nome Fabíola Série 2ª A

01/12/06

A Chapeuzinho Vermelha e o Lobo e a Vovó

Um dia na casa da chapeuzinho vermelha a mãe dela disse chapeuzinho vermelha vá na casa da vovó e leve esse cestinho na casa da vovó e não fale com ninguém sem mamãe. Ela foi foi e chegou na floresta quando ela chegou na floresta ela parou para descansar e quando ela foi se levantar o lobo apareceu e perguntou onde mora vovó? e o cestinho para minha vovó? Então falou! falou!

O lobo foi na frente e comeu a vovó e se vestiu de vovó e a chapeuzinho chegou e falou que olhos grande vacitem e preti e bruto mais que olhos grande vacitem e preti olhos mais que boca grande vacitem e preti comer

Nome Fabiola Serie 2ª A

[01/12/2006]

A chapéuzinho Vermelho E o lobo e a Vovô

**Um dia na casa da chapéuzinho vermelho a mãe dela
disechapéuzinho**

**vermelho vá na casa da Vovó E leve Esse coelinho na casa da vovó
E não**

**fale com ninguem sim mamãe Ela foi foi E chegou na floresta
quando ela chegou na floresta Ela parou para descansar E quando
Ela foi se levantar O lobo apareceu E perguntou Onde você vai
levar Esse coelinho para minha vovô Então tchau! tchau!**

O lobo foi na frente E comeu a vovô E se vestiu de vovô

**E a chapéuzinho chegou e falou que Orelhas Grande vocês têm
e praticar Escutar mais que olhos Grande você tem e praticar olhar
mais que boca grande você tem é pra tí comer**

Nome: Fabiano

3A

Eu troco minhas coisas porque eu gosto um dia eu troquei minha conta do RBD por uma lapizeira e o minha mãe ficou brabo se que eu não sou quem a minha mãe trocou as coisas destruiu ele trocou tudo as coisas

e ficou com o Rodio de novo eu também troco com o minha sobrinho ele também gosta de trocar mais não gosta um dia a gente trocou um ismalt rosa e ele queria destronar

Nome: Fabíola

3ª A

**Eu troco Minhas coisas Porque Eu gosto
um dia Eu troquei Minha caneta Dos RBD Por uma
lapizeira**

**E a minha Mãe bicou Braba só que Eu não sou
quem**

**o Roceiro troca as coisa destroca ele trocou toda as
coisas**

**e bicou com o Radio de novo Eu tambem troco
com a Minha sobrinha Ela tambem gosta de troca
mais não gosta um dia a gente trocou um ismalte
Rosa E éla queria destrocar**

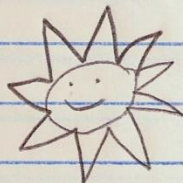
TEXTO FABÍOLA 4ª SÉRIE – “QUEM SOU EU?”-

Giani Rodari

Nome = Fabíola Série 4 = b Data 25/06/2008

Quem eu sou...

eu sou uma pessoa muito divertida sou irmã sou tia sou primo sou amigo os outros pensam que eu sou choto ignorante etc. mais eu sou ricista sou isso e um pouco mais sou auto, gordo, tenho cabelos curtos tenho olhos castanho escuro sou uma pessoa que presto bastante a atenção no auto eu sou uma menina sou pedestre sou meto sou duno do amigo etc.



Transcrição texto:

Quem eu sou ...

eu sou uma pessoa muito divertida sou irmã sou tia sou prima sou amiga os outros pensão que eu sou chata ignoranti etc. mais eu sou siclista sou isso e um pouco mais sou autista, gorda, tenho cabelos curtos tenho olhos castanho escuro sou uma pessoa que presta bastante a atenção na aula eu sou uma menina Sou pedestre sou neta sou aluna so amiga etc.

NOTAS FINAIS DA FABÍOLA

Português – 47 Ensino Religioso – 73 Estudos Sociais – 47 Matemática – 58 Ciências - 38

Anderson

U d a n t

u s a l o

d n g l

n l a g o

o m i a e l s t

Boi →

SABO

JCACE

CO L I C O

O C A C E C I

TEXTOS DO ANDERSON



Atas dos resultados finais 2005

Turma	M	T	FREQ	APROV	%	REPROV	%
A	27	02	25	16	64	09	36
B	25	01	24	18	75	06	25
C	26	03	23	15	65	08	34,7
D	25	02	23	22	95,7	01	4,3
E	26	-	26	19	73,1	07	26,9
TOTAL	129	08	121	90	74,3	31	25,7

M – matriculados T – transferidos

Resultados de 2006 – total Situação da COORTE em 2007

	Reprovados 2006	Coorte 2007	%
1ª série	10	10	
2ª Série	6	21 <small>(15 da 1ª + 6 da 2ª)</small>	
3ª Série		65	50,4
Transferidos	21	33 <small>(+12 2005)</small>	

Situação da COORTE em 2007

Primeira série

	Níveis de Aquisição	Total
Pré-silábicos	08	07
silábico	01	
alfabético	01	01
Transferidos/afastados	[02]	08

Quadro 6 – Resultados em 12/2008

COORTE/2005	SITUAÇÃO/2008	%
5ª série	48	57,1
4ª série	11	13,1
3ª série	08	9,5
3º ano	05	6,0
PAB	12	14,3
Continuam na escola	84	100
Transferidos	44	33,8
Evadidos	02	1,5

Ações desenvolvidas na escola:

- Grupo Alfabeto;
- Apoio escolar;
- Pró-biblioteca (ECnO);
- Retorno da pesquisa



Resultados para a Escola

- Conhecer esses dados e disponibilizá-los para a escola contribuiu para que essa se articulasse na busca de mudanças estruturais, novas concepções metodológicas e pedagógicas nas práticas da alfabetização, agora com ênfase no letramento.

- **Referências:**

- **ABAURRE, M. B. M.** *O que Revelam os Textos Espontâneos Sobre a Representação que Faz a Criança do Objeto Escrito?* Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, São Paulo: Cortez, 1985.
- **CAGLIARI, Luís Carlos.** *Alfabetização e Lingüística.* São Paulo: Scipione, 1997.
- **FERRARO, Alceu.** *Analfabetismo e Níveis de Letramento no Brasil: O que dizem os censos (Educação e Sociedade, Vol 23, nº 81).* Campinas: SP, 2002.
- **FERREIRO, E; TEBEROSKY, A.** *A Psicogênese da Língua Escrita.* Artmed. Porto Alegre, 1999.
- **LEMLE, Míriam.** *Guia Teórico do alfabetizador.* São Paulo: Ática, 1991
- **LUFT, Celso Pedro.** *Língua e Liberdade.* Porto Alegre: LP e M, 1985.
- **SOARES, Magda.** *Letramento: um tema em três gêneros.* Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- **SOARES, Magda.** *Linguagem e Escola.* São Paulo: Ática, 2002.